

CALAMIDADE NO RS

DIVULGAÇÃO



Lavouras de arroz e de outras culturas foram inundadas em Nova Santa Rita

Emater estima R\$ 59 milhões de perdas na agropecuária

Valentina Bressan
pautadc@gruposinos.com.br

Nova Santa Rita - Agricultores da Região Metropolitana de Porto Alegre enfrentam os prejuízos do terceiro período de chuvas intensas em um mesmo ano-safra. Segundo relatório da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), a perda em receita esperada causada pela enchente de maio em Nova Santa Rita já é estimada em R\$ 59 milhões.

Entre 26 de abril e 5 de maio, o acumulado de chuvas no município foi de 530,87mm. As principais culturas prejudicadas são de arroz, milho, soja, oleícolas e pecuária. Houve prejuízos também à infraestrutura das fazendas, cujo impacto econômico ainda não pôde ser precisado.

De acordo com o relatório da Emater, "os prejuízos são observados em todas as localidades do município, atingindo os sistemas produtivos, cultivos e criações, com número de atingidos que ultrapassa os 417 esta-

belecimentos agropecuários do Censo Agropecuário de 2017." Ao todo, nesta safra, foram perdidos R\$ 145 milhões em receita esperada em Nova Santa Rita.

Produção nacional

A Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (Coopan) produz arroz orgânico e suínos para abate. A chuvarada de novembro de 2023 já havia prejudicado o plantio e, agora, 12 mil sacas de arroz da Cooperativa foram perdidas. O Rio Grande do Sul é responsável por 70% da produção nacional do grão, segundo a Federarroz.

"Em novembro, a enchente veio e matou o arroz antes de crescer. Tivemos de plantar de novo, mas 100 hectares ficaram sem plantar porque não tínhamos mais semente", relata o agricultor Nilvo Bosa, 56 anos. Ao todo, segundo a Emater, 238 mil sacas de arroz convencional foram perdidas e 48 mil do orgânico. A expectativa era de 22 mil sacas nesta safra, mas só 8 mil foram colhidas.

Coopan tem prejuízos com arroz e suínos de R\$ 3,5 milhões

Ainda há o risco de perder as sacas já colhidas porque a região passou oito dias sem luz elétrica, da qual os silos dependem para manter a ventilação e evitar o mofo e as traças. Também não foi possível produzir ração para os suínos. "O prejuízo do que deixamos de colher e deixamos de fazer receita é de no mínimo R\$ 3,5 milhões. Isso pode aumentar", conta Nilvo

Bosa. Entre a venda de arroz e de suínos, o giro da Cooperativa costuma ser, em média, de R\$ 23 milhões por safra. "Faz mais de 40 anos que trabalho e nunca tinha visto nada igual", comenta Daniel Rosa, 59, produtor de hortaliças. "Temos a perda da planta que ficou alagada, e a planta que ficou fora d'água mas foi molhada acaba morrendo também."



Produção de hortaliças danificada em 80%

Estima-se que 80% das hortaliças cujo solo foi encharcado seja perdida. O produtor Daniel Rosa calcula que os três meses necessários para recuperar a plantação causem a perda de R\$ 150 mil em receita esperada.

A Emater estima perda em produção de 2.160 toneladas de olerícolas convencionais e 1.080 toneladas em orgânicas. "Não sabemos se vai levar 80 anos para dar uma enchente que nem essa ou se daqui a 2 meses teremos outra."

"O dado é caótico. Vai exigir muito esforço do agricultor e apoio", afirma o engenheiro agrônomo e extensionista rural na Emater, Igor de Bearzi. Uma das possíveis medidas para auxiliar os agricultores, segundo Bearzi, é a anistia das parcelas do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronaf) e do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronamp). O governo federal anunciou um pacote de medidas para agricultura com a liberação de R\$ 1 bilhão para subvenção de juros ao Pronaf e financiamentos com 3 anos de carência.

Vice-governador anuncia medidas para Canoas

O vice-governador Gabriel Souza se reuniu com o prefeito Jairo Jorge na tarde desta terça-feira (14) e garantiu o apoio do Estado, por meio de recursos para o aluguel social e para a instalação de casas provisórias em Canoas.

"Vamos garantir toda a ajuda possível e disponibilizar valores para que a Prefeitura entregue vouchers à população atingida, para que possam alugar provisoriamente imóveis. A mesma estratégia foi utilizada no Vale do Taquari", explicou o vice-governador.

Jairo e Gabriel Souza visitaram o Centro Olímpico Municipal (COM). Ao longo dos próximos dias, casas provisórias que foram entregues pela Organização das Nações Unidas (ONU) devem ser montadas no local. São estruturas referência, utilizadas em diversos locais do mundo.

"O principal objetivo é encontrar locais adequados para abrigar, por um longo período, as pessoas que não puderem retornar às suas casas e não encontrem imóveis para alugar. Iremos desenvolver estruturas adequadas, com higiene, comida e segurança", reforçou. A Prefeitura também está se reunindo com engenheiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Exército para buscar soluções para os diques. "Vamos alugar e contratar motobombas. É fundamental garantirmos a proteção dos diques, para que a água de novas chuvas não atinjam essas regiões", disse Jairo.



Jairo e Gabriel no COM

Canoas

Mathias Velho tragédia que at

Leandro Domingos

leandro.domingos@gruposinos.com.br

O nome da via é simbólico. Chama-se Avenida Rio Grande do Sul. Conforme o barco avança pela água, com a expressão compassiva, o mecânico Márcio da Silva Ferreira aponta endereços onde viviam parentes e amigos; vizinhos e conhecidos. "Não sobrou quase nada do Mathias Velho", desabafa. "Há uma história inteira debaixo d'água e vai levar muito tempo até que a gente possa reconstruir o bairro como conhecia."

Desde o início da catástrofe que atingiu o Estado, o mais populoso bairro da cidade se transformou em epicentro da tragédia, com todos os mais de 52 mil moradores diretamente afetados pela inundação.

Na manhã desta terça-feira (14), a reportagem do DC circulou pelas ruas do bairro a convite de moradores. A ideia era mostrar a dimensão do drama encarado por quem vivia no Mathias.

Como visto, o rompimento do dique nos fundos do bairro levou não somente ao avanço das águas, mas também a uma correnteza que arrancou do chão qualquer casa cuja estrutura não fosse suficientemente forte.

"Existem as pessoas que precisaram sair de casa e há uma parcela que simplesmente não tem mais para onde voltar, já que não sobrou nada. A água levou tudo", ressalta Márcio.

Moradora do bairro Mathias Velho há três décadas, Ivone Gonçalves, 44 anos, conseguiu sair no momento em que a residência onde morava começou a alagar. Acabou observando à distância a correnteza arrastar a pequena casa.

"É um sentimento de tristeza muito grande. Peguei meus filhos e fugi já imaginando que não conseguiria voltar. Sei que tem muita gente querendo voltar, mas eu nem tenho mais um lugar pra morar."



Inundação no Mathias Velho de



Hospital es

Ponto central no desenvolvimento do bairro Mathias Velho, o Hospital de Pronto Socorro de Canoas (HPSC) permanece com toda a sua estrutura orçada em milhões mergulhada em água suja.

Quem passa pelo local, pode observar os tetos das ambulâncias no pátio, equipamentos boiando e insumos encharcados. Tudo devido à fuga desesperada que ocorreu há dez dias para tirar os pacientes do local após a invasão da água.

"É muito triste o que aconteceu neste hospital", lamenta o também morador do Mathias Henrique Lima. "Pensar em quantas vidas já foram salvas aqui e agora ver tudo debaixo d'água é dolorido", lamenta.



Hospital de Pronto Socorro é sím

abc+

Acompanhe mais notícias
sobre a cidade em
abcmas.com.br/canoas